

O legado cultural do Arquivo Pessoal de Odette de Barros Mott (1913-1998)

Profa. Dra. Raquel Afonso da Silva (USP)ⁱ

Resumo:

*Odette de Barros Mott deixou grande legado para a literatura infantojuvenil brasileira, o qual se amplia através da documentação que compõe o acervo pessoal da escritora. Salvaguardado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)/USP, este acervo agrupa, dentre outros gêneros, manuscritos de obras e uma vasta correspondência. O presente artigo pretende-se à apresentação do **Fundo Odette de Barros Mott**, apontando algumas possíveis abordagens desse promissor conjunto documental, no sentido de delinear a trajetória intelectual de Odette, bem como apontar para os bastidores da literatura infantojuvenil brasileira nas décadas de 1970 a 90.*

Palavras-chave: arquivo pessoal, Odette de Barros Mott, cartas, literatura infantojuvenil.

1 Introdução

Autora de mais de 80 livros para crianças e jovens, Odette de Barros Mott, escritora nascida em Igarapava, interior de São Paulo, certamente é um marco na memória de leitura das gerações que tiveram sua infância nas décadas de 1960 a 80. Escrevendo inicialmente para crianças – atividade originada do hábito de contar histórias a seus filhos – Odette embrenha-se na produção juvenil nos idos de 1960, quando o mercado editorial nacional voltado a esse público era ainda incipiente.

Publicando pela Editora Brasiliense – pioneira na produção de coleções voltadas ao público jovem (a coleção *Jovens do Mundo Todo*, idealizada por Yolanda Cerquinho Prado, surgida em 1960), a escritora logo conquista o agrado de seu público, com obras de aventuras protagonizadas por crianças e adolescentes (*Aventuras do Escoteiro Bila* (1964), *O mistério do escudo de ouro* (1969), por exemplo), público com o qual mantinha contato frequente por meio de visitas a escolas, cartas e telefonemas.

Sensível às necessidades do público jovem, Odette inicia uma revolução na literatura juvenil brasileira¹, introduzindo em suas narrativas problemáticas socioeconômicas e questões próprias ao universo adolescente. Surgiram obras como *Justino*, *O Retirante* (1970) – que trazia para o universo de seus jovens leitores a secular questão da seca no Nordeste – e *A Rosa dos Ventos* (1972) – narrativa em que o cotidiano de um grupo de jovens da periferia de São Paulo serve de enquadramento para a abordagem de questões **tabus** no período, como drogas e homossexualismo.

O inovador projeto literário de Odette obteve êxito junto ao público, a julgar pelas quase 1800 cartas de leitores que compõem o acervo pessoal da escritora, bem como pelas enormes tiragens de seus livros que, em 1981, atingem o marco de 1 milhão de exemplares publicados pela Editora Brasiliense.

Esses dados foram levantados a partir do fundo documental da escritora, que também permite seguir a atuação dela frente à literatura infantojuvenil nacional, com destaque para a fundação de um dos primeiros centros de estudos de literatura infantil e

¹ Sobre a introdução do realismo na literatura juvenil brasileira, Cf. LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R., 1999, p. 136-140.

juvenil no Brasil, o CELIJU, presidido por Odette durante a década de 1970.

O acervo pessoal da escritora foi doado por seus familiares ao Instituto de Estudos Brasileiros em 2002, possibilitando seu adequado arquivamento e abrindo-se aos interesses de pesquisa. Acervo denso, composto de 9.597 documentos, os quais abarcam as mais diversas espécies documentais, em que se sobressaem: ampla correspondência – ativa (rascunhos e cópias, em sua maioria), passiva, de terceiros – tanto em termos numéricos, quanto em relação à pluralidade dos grupos de remetentes (leitores infantojuvenis/ profissionais do ensino/ editores/ críticos literários/ escritores/ familiares); manuscritos, cópias datilografadas e datiloscritos de obras; recortes de jornal, com matérias sobre Odette e suas obras, ou artigos de interesse pessoal da escritora; contratos editoriais/ recibos de direitos autorais; catálogos de editoras; documentos iconográficos – fotos com familiares e de eventos em que participou; certificados de palestras e congresso; premiações.

O fundo está ainda em fase de ordenação e descrição documental no Banco de Dados do arquivo do IEB, atividade a que tenho me dedicado no desenvolvimento de meu pós-doutorado², juntamente com a análise desse material, sobretudo, da correspondência.

2 O arquivo pessoal de Odette

Algumas questões são prementes quando se trata da formação de arquivos pessoais, em particular, no caso de escritores: qual a intenção por trás desse “arquivamento do eu”? Em que medida o interesse pela posteridade intervém nesse processo (ao mesmo tempo intencional e inconsciente) de preservação da memória? O quanto da formação de um acervo é contingência, o quanto é construção?

Essas questões subjazem não somente em pesquisas que se desenvolvem a partir de fontes primárias; na verdade, são anteriores a elas – interferem já no próprio processo de ordenação do fundo documental. Por trás da organização arquivística em grupos, subgrupos, séries, subséries, prepondera a intenção de vincular cada documento ao momento de sua gênese, ou melhor, para utilizar um termo da arquivística, relacionar o documento a seu “evento” de origem. Nesse processo de ordenação, a relação orgânica do conjunto documental se evidencia. Como tão bem expressa Marcos Moraes a respeito da ordenação do Fundo Mário de Andrade (também preservado no IEB):

A segmentação em séries e subséries, como procedimento arquivístico na organização de fundo de escritores, serve apenas para traçar linhas estratégicas em um organismo extremamente coeso em suas relações internas. Manuscritos, cartas, notas de leitura, recortes de jornal (matéria extraída de periódicos), fotos, objetos de arte e até papéis aparentemente fortuitos como bilhetes aéreos ou recibo de compra de livros constituem traços dispersos da trajetória de uma personalidade. (MORAES, 2007, p. 146-147).

O documento pode servir de registro a um determinado evento ou atividade, mas é somente em sua relação com o “todo” do arquivo de que faz parte que ele assume sua potencialidade de significações, acrescentando, intervindo, integrando a construção dos traços múltiplos da “trajetória de uma personalidade”.

² A pesquisa intitulada “Cartas a uma escritora: organização arquivística e estudo da ‘Série Correspondência de Odette de Barros Mott’, no IEB/USP” é supervisionada pelo Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes e financiada pela Fapesp.

O fundo pessoal de Odette de Barros Mott permite compor vertentes diversas do percurso da escritora – algumas das quais já aponte na introdução biográfica –, bem como da circulação e recepção de suas obras.

Um dos aspectos sobressalentes na trajetória da escritora diz respeito a sua sensibilidade para com o público leitor adolescente. Depoimentos de Odette em entrevistas e cartas ativas somam-se às 1799 cartas de leitores crianças e adolescentes, que desejam compartilhar com a escritora a leitura de seus livros, a identificação com situações narrativas e personagens, ou mesmo dialogar sobre questões de foro pessoal, o que sublinha a familiaridade e confiabilidade transmitidas pela escritora em sua escrita:

Querida Odette:

(...) acabei de ler o seu livro “A Rosa dos Ventos”, 14ª edição.

Meus parabéns.

Foi o “único” livro que li e que não deu a entender: “FINAL FELIZ”.

Gostei desse livro e, sinceramente me mostrou, novamente, como são os jovens, na realidade.

Eu também sei como você se sente em não poder salvar o Luiz da droga. A realidade é esta, e não podemos nos enganar. Nem sempre quem entra nessa vida sai dela são e salvo, às vezes até morre nela.(...)

O que mais me chamou a atenção é que você não usou os personagens de uma classe alta, ou classe média alta. Você preferiu usá-los numa classe mais baixa: (mas para mim a mais honesta) a classe operária.

Já li muitos livros seus e quando ouço falar em Odette de Barros Mott, já vou logo me interessando no assunto.

“A 8ª série C”, foi um dos livros seus que já li e posso te dizer, foi lindo.

Uma turma do ginásio que era unida. Quando eu li, não estava na oitava série, deveria estar na sexta ou na sétima, mas valeu a pena.

Eu concordo com você que o diálogo diminui as distâncias que separam os jovens, principalmente dos adultos.

Se nós, os jovens, achamos os adultos quadrados por que não tentamos arredondá-los?

E vou te fazer um elogio, você tem palavras que sinceramente me emocionam e me emocionei quando li o BATE-PAPO de A ROSA DOS VENTOS.

(...)

Felicidades, um abraço amigo!

F. C. A.

P.S. Se não for pedir demais, espero respostas suas.

(IEB/USP. Fundo OBM, código: OBM-C-0518)³.

Querida Odete,

Oi, tudo bem com você? Espero que sim.

Bom, vou me apresentar: me chamo L., tenho 13 anos e adoro ler. Não tive ainda oportunidade de ler todos os seus livros, mas daqueles que li, guardei uma boa impressão. Já li – “E agora?”, “Mistério? Misterioso

³ Optei por manter, na transcrição das cartas, a ortografia original. Em respeito à intimidade dos remetentes, seus nomes foram suprimidos mantendo-se somente as iniciais.

amor”, “a 8ª série C” e acho que só. Deste, gostei mais do “E Agora?”.
(...)

Sabe o que é, Odete? Gostaria demais de conhecer você. Você parece uma pessoa tão compreensiva, que ouve, e não só fala. Aqui em casa, há muita falta de diálogo, entre minha mãe e eu. Infelizmente, nós não nos damos muito bem. E você sabe, né? Às vezes a gente precisa bater papo c/ pessoas + vividas, não só com colegas da mesma idade. Não quis dizer que você é velha, tá? Se for possível me responda essa cartinha, sim? Aí, você pode me ensinar + ou – como se vai na sua casa... ou eu te telefono. Pode?

Gostaria de conhecer você, para saber se a imagem que eu guardo de você é verdadeira. O dia que você tiver um tempinho, eu posso ir até aí? Tomara. Bom, tchau.

Um beijo,

L.

(IEB/USP. Fundo OBM, código: OBM-C-0427. 18 jun. 1985).

Pela documentação presente no fundo, percebe-se também a recepção da obra da escritora pelos mediadores de leitura – pais e professores, principalmente –, figuras de importância significativa, em se tratando de um público leitor composto por crianças e jovens. Entre cartas afetivas e outras marcadas por maior formalidade, a escritora adentra o espaço institucional da escola como referência de leitura e atendendo a convites para eventos e palestras:

Belo Hte, 09 de março de 1987

Querida amiga Odete.

Permita-me chamá-la “amiga”, pois sinto-a tão próxima de mim que já a considero assim.

Sou professora de língua portuguesa no colégio Sta. Marcelina e meus alunos têm lido regularmente livros seus. Lêem, gostam e mais de um deles já tiveram a oportunidade de lhe escrever.

Agradeço-lhe a atenção e o carinho com que os acolhe.

Hoje, uma aluna veio me mostrar uma resposta que recebeu por ocasião do final do ano, quando então lhe escreveu.

Nós gostamos de seus livros, da carga humana que eles contêm, da lição de vida que nos advém de cada leitura. Seus livros enriquecem aos alunos e a nós professores que vivemos aprendendo a cada dia nesse contacto profícuo com os jovens que vivem a nos ensinar coisas...

Gostaria de conhecer outros livros seus para indicá-los a meus alunos. Recebi o catálogo da Ed. Atual, mas só pude escolher um livro: A Travessia. Estou, este ano, com as sétimas e oitavas. Queria que, se possível, tivesse mais livros para analisar e assim trabalhar com meus jovens.

Com estima e admiração, abraço-a

D.

(IEB-USP. Fundo OBM, código: OBM-CPE-0288).

São Paulo, 05 de novembro de 1976

Ilma. Sra.

D. Odette de Barros Mott

Rua Mococa, nº 81

Nesta

Nós, alunos, professores e administradores da Escola Estadual de 1º e 2º Graus “Ângelo Bôrtolo”, estamos por meio desta manifestando nossa gratidão pela preciosa visita que nos foi feita nesta data; visita esta que veio enriquecer grandemente o cabedal de conhecimentos literários, bem como sociais e intelectuais deste estabelecimento.

Creia, D. Odette, suas obras nos têm prestado um grande estímulo por seu espírito criativo; nossos alunos têm aproveitado muito com a leitura das mesmas e percebemos que apesar de estarmos localizados num bairro um tanto afastado da cidade, vivemos os mesmos problemas e as mesmas tensões que chegamos a sentir e analisar à proporção que lemos suas obras.

Seu bate-papo foi muito bom, esperamos poder contar com sua presença em nossa escola outras tantas vezes, com seu carinho, sua atenção e sua modéstia, sem a preocupação da remuneração, do horário, do trânsito e outras tantas exigências sociais, só isto nos basta para dizermos a uma só voz: MUITO OBRIGADO, VOLTE SEMPRE!

Escola Estadual de 1º e 2º Graus “Ângelo Bôrtolo”

H.A.P.

Assist. de Diretor

(IEB-USP. Fundo OBM, código: OBM-CPE-0029)

A boa recepção da obra provoca entusiasmo em seus editores; a Brasiliense, editora na qual Odette publicou a maior parte de sua obra juvenil, comemora o êxito da escritora, documentando, nas cartas de Caio Graco – diretor da Brasiliense entre os anos 1970 e 80 – o sucesso das tiragens:

São Paulo, 10 de junho de 1981

Nº 0758/81

Ref.: JUSTINO, O RETIRANTE – 16ª ed. – 10.000 exs.

Querida Odette:

Quando esse terrível problema dos migrantes por miséria for resolvido no Brasil, em boa parte os méritos serão seus. Pelo menos 100.000 brasileiros (alguns já não tão jovens) terão conhecido esta verdade através de seu livro.

Beijo amigo.

Caio Graco Prado

(IEB/USP. Fundo OBM).

São Paulo, 20 de julho de 1984

EB – Nº 2598/84

Ref.: JUSTINO O RETIRANTE – 23ª ed. 5.000
exemplares

A 8ª SÉRIE C – 16ª ed. – 5.000 exemplares

Querida Odette:

Trinta e nove edições só nesses dois livros. São pelo menos 400.000 leitores. Que tal postular uma cadeira no Senado?
Um beijo

Caio Graco Prado
(IEB/USP. Fundo OBM).

Aliás, é um desses momentos de comemoração da Brasiliense – quando é atingido o marco de um milhão de exemplares publicados, como já mencionado, em 1981 – que serve de ensejo para que Odette escreva longa carta ao editor – 13 páginas – carta preciosa, sobretudo aos olhos da crítica genética, pois na profusão das lembranças, torna-se testemunho da autora sobre sua própria produção, testemunho talvez romanceado, em razão da estreita vigilância do outro/destinatário, mas ainda assim, recheado de alusões significativas ao momento singular da gênese literária. Por exemplo, por meio desta carta, fica-se sabendo dos bastidores da escrita de *A Rosa dos Ventos*, havendo, inclusive, a confissão dos medos da escritora em relação à recepção da obra, o que a fez dialogar com um psicólogo a respeito do livro:

Dei inteira liberdade aos meus personagens, nasceram livres de seus medos e, por isso, senti medo por eles.

E para me livrar desse medo, procurei um psicólogo da época, muito ligado à juventude que, ao me ver apresentar-lhe o livro como cliente, gostou muito da idéia.

Ficou de me telefonar daí um mês, mas na outra semana, lembro-me bem, era um 15 de novembro, ele me convidou para discutirmos o livro em sua casa.

Fui, encontrei sua esposa e dois filhos adolescentes, felizes de poderem trocar idéias comigo. O debate varou a tarde. Saí de lá feliz, sem medo, confiante. (IEB/USP. Fundo OBM, Carta de Odette de Barros Mott a Caio Graco, [abr. 1981]).

Em outro momento da carta, a escritora confessa a predileção por uma de suas obras, *A Transa-Amazônica*, e fala da necessidade de reformulação da mesma. Tem-se, além disso, um flagrante das negociações entre editor e autor, no momento publicação de um livro:

Você se lembra de um seu telefonema para mim, em junho do ano passado, mais ou menos, informando-me que não iria mais reeditar a “Transamazônica”? E você sabe que esse é meu livro preferido.

Gosto dele, do seu herói, tão em contradição com aqueles apresentados pela televisão. Herói sem documentos – Isório do seu Zé torto! Nada mais. Plantador de arroz na lama do São Francisco, sem condição de comer o arroz.

(...)

Você não reeditava o livro porque ele transmitia aos leitores visão errada da realidade brasileira.

Quando fui tomar contato com essa realização, ela estava em seu começo.(...)

Gostei de ver a estrada, as agrovilas e creio que por isso voltei a ter olhos infantis e coração aberto, desprevenido.

Quando você me telefonou – sem se importar que esse fosse o meu livro preferido – e me avisou que iria tirá-lo de circulação, eu já estava com o material preparado para fazer a revisão. Daí toda a realidade para meus leitores, nunca mentir-lhes para conservar uma posição falsa.

Fiz a revisão, o livro renasceu. Tenho ido aos colégios trocar ideias com os estudantes. A pergunta mais frequente é sobre o porquê da troca de título. Explico-lhes a situação, compreendem, e um deles, certa vez me aconselhou a trocá-lo mais uma vez. “A Grande tapeação” ficaria melhor! (IEB/USP. Fundo OBM, Carta de Odette de Barros Mott a Caio Graco, [abr. 1981]).

Aqui cabe um parêntese para a reflexão sobre o gênero carta, gênero híbrido, comportando inúmeras formas e finalidades. *A priori*, a carta pretende ser um diálogo *in absentiam* entre remetente e destinatário; não obstante, vemo-la tomando matizes diversas. Nas cartas de escritores, é *locus* de experimentação estética e crítica literária; é relato memorialístico (como na carta de Odette), em que o outro-destinatário torna-se testemunha de uma autoreflexão; nessa dimensão, a carta pode ser também desabafo, *catarse*; inicialmente estipulando destinatário(s) definido(s), pode se tornar objeto público e encontrar inúmeros leitores, que se tornam testemunhas tardias de uma escrita, a princípio, confidencial.

Retomando o fundo documental de Odette, o aplauso à obra da escritora, visto nas cartas anteriores, divide espaço com uma crítica nem sempre favorável a seus livros. Odette tem sua produção questionada sobre diversos aspectos, seja por críticos literários, ou mesmo por seus pares. Nesse quesito, são exemplares as cartas de Paulo Hecker Filho à escritora. Crítico ferino, Hecker, apesar de demonstrar afeto e admiração por Odette em suas cartas, não lhe poupa comentários severos sob o aspecto ideológico de seus textos:

Porto Alegre, 4 de abril de 1974.

Odette de Barros Mott:

Estou lhe devendo uma crítica há horas. Recebi os volumes que mandou pelo correio e tinha comprado outros seus ainda em São Paulo. As edições com as páginas bem aproveitadas, títulos e títulos, me assustou como uma Balzac: que tempo para lê-la em extenso? Tentei várias vezes e desde ontem tento de novo. Estou longe de ter lido tudo, mas se adio ainda esta carta periga nunca escrevê-la. Vá desculpando o simples mortal em mim. Não sou Lusbel...

(...)

A partir desse render-me, dessa ode a você, posso criticar? Bem, era o que esta carta devia ser, nos resignemos. Sua aceitação, embora admirável, não alcança um nível literário porque, não armada nem pela cultura nem pela experiência, fica lhe faltando muito para o grau de consciência da realidade em que começa a literatura. Para ser sintético, sua psicologia desconhece Freud e a psicanálise, e isso corresponde praticamente a dizer que nem desconfia do que realmente está se passando dentro das pessoas e em suas relações; seu otimismo a leva a pintar um sonho róseo, não a verdade. Ainda: falta-lhe qualquer visão política (coisa que se aprende nos livros, pois a partir de Marx, o mistério interessantemente alimentado em torno acabou) e, como ama estar viva ou o mundo dos homens, permanece num conservadorismo reacionário que é o maior pecado intelectual que atualmente se possa cometer, pois

significa acumpliciar-se à exploração do homem pelo homem, à miséria, ao enorme e cotidiano morticínio conjuntural. (...) A rigor, seus livros, tão alegres e só querendo fazer o bem, se reduzem a mais outros materiais de propaganda da Reação que raptou o poder entre nós.

(...)

(IEB-USP. Fundo OBM, código: OBM-CE-PH-082).

Maria Dinorah Luz do Prado, escritora gaúcha de literatura infantil, também discorda de algumas questões na produção de Odette:

(...) Devo-lhe, também, um parecer sobre “8ª série C”.

O que será, para mim, difícil, em se tratando de você, minha amiga.

Talvez a falha seja minha, meu modo de ser, bordando poesia em cada entrelinha da vida...

Talvez os adolescentes o estejam adorando...

Para mim, não sei, achei-o com excessiva gíria, o que o tornaria “circunstancial”, pois a gíria, como todos os “modismos”, é bastante passageira.

Por outro lado, não seriam certas situações negativas expostas com detalhes, uma maneira de “ensinar” os mais fracos, como o caso da falsificação do xequê? Foram perguntas que me fiz, enquanto lia, e para as quais não obtive resposta.

E é como digo, sou demasiadamente romântica...

Então, não teria condições de opinar sobre algo que talvez não esteja abrangendo bem. Poderá me entender? De qualquer maneira, felicito-a, por tudo o que vem fazendo por uma lit. infantil e juvenil que carece de tanto. (IEB/USP. Fundo OBM, código: OBM-CE-MD-054.02 ago.1976)

Vale notar que essas opiniões dissonantes também se conservam no arquivo (ainda que em quantidade mínima, se comparadas aos discursos positivos sobre a obra da escritora). Uma das riquezas do arquivo pessoal de Odette é justamente resguardar todos estes discursos – dos leitores, dos escritores, dos editores, dos críticos – permitindo à posteridade ponderar cada um deles.

Aliás, o arquivo também documenta momentos de angústia da carreira da escritora, como a ruptura de mais de vinte anos de relação profissional com a Editora Brasiliense.

Nos anos 1980, a Brasiliense começou a vergar sob o peso da concorrência na produção de obras destinadas ao consumo escolar, tais como as da coleção *Jovens do Mundo Todo*. A produção de literatura destinada a esse público, antes de pouco interesse para a maioria das casas editoriais, se torna a “menina dos olhos” de muitas delas, garantia certa de vendas.⁴ Sob a pressão mercado, a Brasiliense resolveu alterar a estrutura editorial de sua coleção para jovens, que circulava há quase 25 anos; solicitou a diversos escritores que fizessem cortes em seus textos, de modo a baratear os custos de produção. Na ocasião, mais de 34% da coleção *Jovens do Mundo Todo* era composta por títulos de autoria de Odette (como se pode ver no catálogo da Brasiliense de 1985, presente no fundo documental da escritora); obviamente, ela foi bastante prejudicada, tendo, aliás, vários originais devolvidos.

A situação tomou grandes proporções quando os escritores, encabeçados por

⁴ Sobre o movimento editorial de livros infantis e didáticos, Cf. HALLEWELL, 2012, p. 765-773.

Giselda Laporta Nicolelis, resolveram retirar-se da Brasiliense e recorrer à UBE com fins de processar a editora por ruptura contratual. Toda a quezila pode ser reconstruída a partir de cartas e artigos de jornais presentes no fundo da escritora – e que foram por ela agrupados em um dossiê denominado “desentendimentos com a Brasiliense”. Eis uma pequena mostra do material, através da carta de Giselda Laporta Nicolelis à UBE, relatando o atrito com a editora:

São Paulo, 23 de abril de 1985

Ilmo. Sr.

Claudio Willer

Secretário Geral da União Brasileira de Escritores/UBE

(...)

Segundo entendimentos havidos durante o Congresso de Escritores, estou encaminhando documentos anexos, relativos ao distrato de meu livro A SERRA DOS HOMENS FORMIGAS – pela Editora Brasiliense S.A., em plena vigência do contrato e sem aviso prévio, e contra a qual faço uma denúncia, na pessoa do seu diretor-presidente, Caio Graco da Silva Prado.

Conforme provam esses documentos, recebi uma carta em 01 de fevereiro de 1985, sugerindo que eu tirasse cerca de 10.000 palavras ou quase 30% do meu livro MACAPACARANA (...)

Recusei também por carta, e o sr. Caio escreveu outra dizendo que tudo voltava a ser como antes. Realmente, dias após, saiu a 5ª edição do livro. Qual não foi o meu espanto, quando logo depois ele me telefona para dizer que faria o distrato do outro livro, também em fins de 4ª edição. A desculpa foi que não podia competir com editoras que publicavam didáticos e que presenteavam os ditos pára-didáticos. E que dos setenta títulos da coleção Jovens do Mundo Todo possivelmente reduziria para trinta. Ouvi comentários que a médio prazo ele pretende liquidar com a coleção.

Se tal procedimento foi grave, (...) muito pior foi o que aconteceu com a escritora Odette de Barros Mott, que teve (porque recusou comigo a mexer nos seus textos ou a permitir que alguém mexesse) dez títulos distratados, mais três ainda inéditos e já contratados, dos vinte e três que haviam sido editados pela Brasiliense. (...)

A cláusula específica prevê que um editor ou mesmo o autor podem pedir distrato, um ano antes de fim do contrato. Acontece que o meu contrato é de dez anos e só venceria em 1990. O problema maior foi a ausência de uma mesa-redonda ou aviso prévio. Odette de Barros Mott vendeu dois milhões e meio de exemplares só na Brasiliense, tendo sido homenageada pela editora, quando completou um milhão de exemplares vendidos. Empenhou vinte anos de sua vida na coleção. (...) No meu caso, a obra foi editada no 2º semestre/81, e estando em 5ª edição, cumpriu essa exigência. Livros há da Odette que estão em 18ª edição ou 20ª. Um foi até traduzido, salvo engano, MARCO E OS ÍNDIOS DO ARAGUAIA.

Se houvéssemos cedido em tirar as milhares de palavras, - como ficaria a crítica, o professor, o leitor? O novo livro seria um simulacro vendendo em cima da imagem do anterior. Creio que nós, autores que já temos um nome, devemos defender os novos, e abrir-lhes perspectivas de respeito mútuo autor/editor. Claro que há editoras que procedem de forma consciente e, trabalhando com doze, tenho a alegria de participar disso. Mas é preciso denunciar arbitrariedades deste quilate que pessoalmente

referi ao sr. Caio como “expurgo stalinista”.

Agradecendo previamente a atenção que nos for conferida, ao dispor para novos esclarecimentos,

Atenciosamente,
Giselda Laporta Nicolelis

(IEB-USP. Fundo OBM, Carta e Giselda Laporta Nicolelis a Cláudio Willer, 23 abr. 1985).

Conclusão

A narrativa que apresentei nessa comunicação é uma pequena mostra da trajetória da escritora, reconstruída a partir de seu próprio fundo de documentação pessoal. Por meio de depoimentos, cartas, recortes de jornal, catálogos de editoras, declarações de direitos autorais, dentre diversas outras espécies documentais, o arquivo pessoal de Odette de Barros Mott permite resgatar a memória de toda uma geração de leitores – memória que se preserva do esquecimento no trabalho cuidadoso dos arquivistas. E o conhecimento desta documentação vai possibilitando o surgimento de novos discursos e narrativas, de interesses vários, por exemplo, no campo de entendimento da literatura infantojuvenil brasileira no período, da circulação desse gênero na escola, do campo editorial da literatura para crianças e jovens, das relações entre autores e editores, apenas para mencionar algumas das possíveis vertentes de pesquisa a partir deste arquivo. Isso reforça a importância dos estudos a partir de fontes de primárias, que permitem que a história e a crítica literárias ganhem novo fôlego, assumam novas direções e possam se renovar.

Referências Bibliográficas:

- 1) MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de Jamais Aconselhar: A Epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2007. 248p.
- 2) HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. 3ª ed. Tradução Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2012. 1016p.
- 3) LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1999. 190p.

ⁱ Autora

Pós-doutoranda do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP, com apoio financeiro da FAPESP.
E-mail: afonso.raquel@gmail.com